

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2009

Palestrante: Maria Lucia Godoy

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 11 de agosto de 2009

Hora: 17:00

Eu não sei o que dizer porque estou tão orgulhosa em estar aqui nesta Academia Brasileira de Música, com gente tão importante, com o presidente, com compositores, com Laís de Souza Brazil, a intérprete maravilhosa de Guarnieri, com tanta gente querida, a querida filha do Lorenzo Fernández, Marina, e tanta gente que nem vou nomear, o meu querido maestro que regeu a minha Floresta do Amazonas. Eu estou encabulada mesmo, não tem jeito.

Eu sempre cantei, desde menina. Quando eu era menina dizia poemas infantis e escrevi quatro livrinhos infantis, todos de tema ecológico, e eu cantava muito. A minha família toda tinha a voz muito boa. Meu pai cantava, minha mãe cantava, minha avó cantava e a gente se reunia debaixo de um jardineiro, que era o mais perfumado do bairro, era maravilhoso! Os vizinhos vinham também para a seresta e foi aí que aprendi a cantar essas serestas que estão num CD chamado *Cantares de Minas*, já com seis edições.

Havia uma missa às dez horas, na Igreja de Lourdes, em Minas Gerais. Era uma Igreja gótica, maravilhosa, e eu ia todas as manhãs, às dez horas, aos domingos e eu cantava *Oh! Salutares*, *Ave Maria*, etc e ia um bando de intelectuais lá para me ouvir cantar. Eu achava que era porque depois a gente ia em bando para o Minas Tênis Clube onde havia uma dança também chamada Missa Dançante – a gente saía da missa e ia dançar. Assim, comecei a ser ouvida, todo mundo gostava muito e me chamavam para cantar em casamento, tudo de graça. Eu comecei a ganhar um pouquinho de dinheiro só agora, depois de velha cocoroca, aliás, eu estou muito velhinha mesmo, por isso é que estou com a cabeça ruim assim para falar as coisas.

Tenho muito orgulho de ter cantado música brasileira toda a minha vida, em qualquer concerto, onde quer que eu estivesse, até em Bagdá eu cantei Brasil. Cantei em Minas Gerais, fiz serestas que ocuparam dois ônibus da Mendes Júnior, que naquela época estava fazendo uma estrada enorme lá em Bagdá e eles ganharam licença para me assistirem. E todos choraram de emoção quando eu cantei *É a ti*, *Flor do céu*, todas as serestas de Minas que a Marina conhece muito bem, inclusive o *Amo-te muito*, do João Chaves, que é lá de Montes Claros. Eu cantei debaixo da janela dele uma vez e ele veio todo arrumadinho, com um terninho de linho, todo perfumado, e cantei pra ele *Amo-te muito*, que vocês devem conhecer, está neste CD aqui. Então, comecei a fazer carreira, todo mundo me chamava para cantar em casamento e depois começaram a me convidar para concertos.

Isso para mim aqui é a glória, é como se eu tivesse colocando as mãos numa estrela ou no cimento para marcar as minhas mãos! Para mim é o máximo porque eu não sou musicista, eu não sei música, eu canto porque existo, eu sou um pouco alegre, um pouco triste, mas sou também um pouquinho poeta. É como diz a Cecília Meireles, chama-se *Zodiacal*:

*Vem de Minas certamente um jeito estranho de ser, de amar, sentir, de sofrer  
um jeito meio sem jeito de estar no meio da gente e ao mesmo tempo não estar  
um certo gosto ou equilíbrio que não se pode quebrar*

*achego ou recolhimento, a crítica à insubmissão  
melancolia que chega nas sendas da solidão  
timidez, insegurança, porém coragem feroz na hora que for preciso  
indiferença por tudo que não seja singular  
desconfiança constante de que as pessoas são mutáveis como os caminhos dos ventos  
um apego à terra, à gente, mas é bom que não se tente desvendar um coração  
que se guarda a sete chaves nas profundezas do mundo  
e mudo assim se consome em sofrimentos banais  
brasileira sou e guerreira, canto, sou seresteira, sou bem de Minas Gerais.*

Eu vou ler para vocês o que eu acho que é a voz. “*A voz me afina, minha bandeira, meus recônditos tesouros, meu êxtase, minha agonia, minha arma secreta, meu alibi, meu cacife no jogo, minhas conquistas baratas, meu medo, minha covardia. É a voz que me desafia, me consome, santifica, cega as cordas mais ternas, tange as liras das almas, afaga os santos no altar. Já nem sou eu, é a voz que me diz, voz que me ata, me desata, me maltrata, me lança ao fundo do poço, abrasada sobre mim. A voz, meus disfarces todos, meus guardados, minha soberba, o outro lado da face, o mais frágil e aparente, minha sombra alada, meu sentimento do mundo, minha sina, a voz*”. (texto de Maria Lucia)

Eu nasci em Mesquita, no Vale do Aço, que é vizinha à USIMINAS e lá não tem quase nada. É uma cidadezinha onde tem uma fogueira no Dia de São João. A maior fogueira de Minas no Dia de São João é de lá, e essa é a única coisa que Mesquita tem de mais importante.

Nasci em setembro. Quando era menina era muito tranquila e observadora até a idade escolar. Estudei na Escola de Aperfeiçoamento, em Belo Horizonte, onde frequentava a biblioteca e lia muito. Fazia versos infantis, publicados já adulta, pela Editora Ler, de Belo Horizonte. Todos os temas eram ecológicos, eu já era ecológica antes do tempo. Vou fazer oitenta e cinco anos, agora em setembro, mas ainda canto.

Estudei no Ginásio Mineiro, onde tive professores extraordinários e depois estudei no Marconi e eu costumava cantar. Era a época do Mussolini e do Hitler e costumava-se cantar, mas eu não cantava. Eu sempre fui insubmissa nessas coisas. Cantava-se um hino (trecho do hino). Eu me irritava com aquilo e de jeito nenhum eu cantava – nem morta. Eu morava em frente ao campo do Palestra Itália e eu não era Cruzeiro e não sou do Cruzeiro até hoje por causa do Palestra Itália e do Mussolini. Torço pelo Atlético Mineiro.

Eu dava pequenos concertos e estudei com a professora Honorina Prates Campos, em Belo Horizonte e então eu começava a dar concertinhos aqui e acolá, coisas assim mais escolares e começaram a me chamar para concertos maiores. Então, fui tomando jeito, mas na realidade tive muita sorte, eu não merecia, realmente, estar aqui fazendo essa dissertação para vocês porque eu não sou musicista, sou apenas uma cantadeira, como dizem em Portugal. Eu canto mesmo porque eu existo.

Eu tenho uma assimilação da música que é uma coisa muito natural e as pessoas, então, me perguntam como é cantar. Eu falo sempre: se tem verso, há música. A palavra é poesia e a música também é palavra e tudo vai se encadeando. Eu lia muito, então, a letra pra mim é muito importante. O poeta é muito importante, tanto é que eu fiz um CD chamado “*Maria Lucia canta poemas de Manoel Bandeira*” que considero muito bom, tem poemas lindíssimos.

Minha aparição na ópera foi na *Cavalleria Rusticana*, cantando a Lola, com o barítono Asdrúbal Lima, fazendo Alfio, Décio Brecha fazendo o tenor, D<sup>a</sup> Lia Salgado fazia a Santusa e eu era a Lola. Fui solista do Madrigal Renascentista desde a sua fundação, que foi na casa do Carlos Alberto Pinto Fonseca que fundou o Madrigal Renascentista. Depois ele se transportou para a minha casa, onde ficava na sala de visita e todo mundo cantava. O regente era o maestro Isaac Karabtchevsky, que era um grande regente de coral e continua fazendo uma carreira bonita. Depois eu casei mais tarde com ele e não foi legal. Mais tarde, definitivamente, eu vim morar no Rio de Janeiro. Fiz concertos na Europa, cantei por todos os Estados Unidos.

Fiz muitos concertos pela Europa cujas passagens foram conseguidas pela minha irmã Pitucha, com o Madrigal, primeiro. Ela entrou no avião do Juscelino Kubitschek. Ela era pequenininha, tinha um metro e meio, e ela dizia: “eu tenho que arrumar essas passagens”. JK achou muita graça e ele era muito amigo da família, gostava muito de mim também, tanto é que me perguntaram agora em São Paulo se eu fui namorada dele. Primeiro, ele era meu presidente e segundo, ele era um homem que não tinha nada a ver comigo, a não ser do ponto de vista da seresta que ele adorava, por isso que ele gostava da família. Consegui bolsa de estudos na Alemanha, onde fiquei durante dois anos, e estudei com Margherita que foi uma grande professora, ela era cega, mas aprendi muita coisa com ela e logo nos primeiros meses eu já dei um concerto em Bonn, que teve uma crítica muito boa.

Cantei de ponta a ponta nos Estados Unidos com Heitor Alimonda e Rubens Gerchman que era um pintor, então eu cantava, o Heitor tocava. Fiz também turnês com Maria Lúcia Pinho que foi uma grande pianista, uma pianista excepcional, com ela eu dei os melhores concertos possíveis pela Europa e com Miguel Proença, que também me acompanhou inúmeras vezes, com muita propriedade, com muito elã, afinal ele é meu compadre e eu tenho que gostar.

Vou ler um poema.

*Eu vim de longe, muito longe  
atravessei tempos e mortes  
enxuguei os olhos úmidos de outrora  
eu sou de agora  
navego pelas águas turbulentas  
velas pandas ao vento  
barca adernada de desejos  
boca marcada de beijos  
eu sou de agora  
das santas coisas que inventas esperanças não morrem  
sou guerreira  
percorro o mapa da vida à procura da luz que me guie  
não desisto, persisto e de alguma forma pressinto a velha trilha do tesouro  
está no fundo do peito eu sei  
e a exploro  
meu amor por cada expressão de vida  
principalmente pelas árvores e animais  
entre os homens perscruto com cuidado  
um cuidado se as almas peregrinas  
o resto vem por acréscimo  
tornei-me mais lúcida criatura*

*eu sou de agora  
peneirada nas bateias do tempo, miro no espelho  
silenciosa  
a face cristalizada em múltiplos reflexos  
sulcos de tristezas muitas  
que coração esquece logo  
e se renova sempre  
ao palpitar de cada madrugada.*

Isso aí é um pouco a definição do que eu sei. Podem perguntar, por favor, porque eu não sei nada de mim.

Laís de Souza Brazil

O que me marcou muito foi que nós duas estávamos no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e você cantou a *Melodia sentimental*, do Villa-Lobos, como nunca mais nós ouvimos, então, as vezes em que você derrama o seu mel fica marcado e ninguém consegue fazer igual. Você joga um amor dentro da gente muito grande. E uma das lembranças para sempre que a gente guarda é ouvir você, então você não é musicista?!

Maria Lúcia Godoy

Eu sou uma cantadeira, apenas. A música comigo tem uma importância fundamental, acho que eu absorvo as coisas, eu pego uma partitura e ensaio, ensaiei muito para dar os concertos muito bons e é uma coisa assim que vem de cima, não sei de onde. Eu tenho essa natureza de saber o que vou fazer. Um concerto que eu dei com o querido maestro Henrique Morelenbaum foi muito bom. Primeiro a gente gravou a *Floresta do Amazonas* que eu acho uma coisa antológica, muito bonita a regência do maestro e depois eu cantei *Shehêrazade*, de Ravel com a Tulsa Filarmônica. Cantei com grandes orquestras. Eu não merecia isso não, sinceramente, eu juro, é de mim, eu acho que foi Deus. Não sou eu mais que canto, são os santos, é Deus, é Nossa Senhora, são os anjinhos, não sei o quê que é.

Villa-Lobos para mim, realmente, é um marco na minha vida. Primeiro por causa das *Bachianas Brasileiras n<sup>o</sup>5* que eu gravei e que foi assim uma intuição. O espírito de Villa-Lobos desceu para mim, eu acho. Depois foi a *Floresta do Amazonas* que eu gravei com o maestro Henrique Morelenbaum. Fiz também o CD “Quatorze serestas de Villa-Lobos”, que não está assim grande coisa, mas estão boas. Vocês vão ver nesses CDs que eu trouxe que tem tanta coisa que eu gravei que eu nem sei mais. Eu estou tão ruim pra falar, eu não sei falar. Isso aqui é só para acadêmico, não é para mim não, gente.

Gravei *Quem sabe*, de Carlos Gomes, gravei *Sabiá*, de Tom Jobim. Tom Jobim ia fazer um CD comigo. Ele até escreveu: “Maria Lúcia, nós vamos fazer um CD juntos”, mas depois ele foi para um lado e eu fui para o outro e a gente acabou não fazendo, mas eu ainda acho que dá para fazer um Tom Jobim. Fiz agora o meu último CD que foi “Maria Lúcia canta quinze canções de Heckel Tavares”. Gravei Lorenzo Fernández, gravei todo mundo. Vocês vão ver aqui nesse CD, depois podem folhear. Eu cantei também obras de Francisco Mignone, foram o *Concertos para música brasileira*, foi um CD chamado “A música brasileira”, onde eu cantei música como *A dolorida*, que eu acho que ninguém conhece, cantei também Jayme Ovalle.

Flávio Silva

O Mignone fez música para alguns poemas seus.

Maria Lúcia Godoy

Ele fez para quatro poemas meus. Ele gostava muito de mim.

Flávio Silva

Alguém não gostava?

Maria Lúcia Godoy

Você escreveu uma coisa linda para mim. Você escreveu uma coisa que eu repito sempre em qualquer lugar. O Mignone gostava de mim, principalmente porque ele achava que eu tinha uma boa dicção. Ele falava: “você é a única cantora brasileira que sabe dizer”. Eu ficava muito feliz.

Pessoa não identificada

Maria Lúcia, conta a sua história com a Bidu Sayão.

Maria Lucia Godoy

Na época, quem era embaixadora do Brasil nos Estados Unidos era a Dora Mourão. Ela me viu cantar não sei onde e falou que eu tinha de cantar para a Bidu Sayão e telefonou para a Bidu Sayão e ela a muito custo me recebeu, porque ela não recebia muita gente. Cheguei lá para conhecer a maior cantora do Brasil e muito tímida e tal, ela falou: “Maria Lucia, eu não costumo receber ninguém, mas canta aí pra mim”. Eu disse que tinha ido lá apenas para conhecê-la e não havia ido lá para cantar, mas ela insistiu, colocou o dedo no piano e pediu para eu cantar a *Bachiana*. Eu cantei à capela e, então, na mesma hora ela telefonou para o *manager* Arthur Jason para ele me ouvir. Eu fui me encontrar com o Arthur Jason e ele perguntou sobre as minhas críticas. Eu disse que não tinha críticas do Brasil, então eles marcaram uma entrevista minha com o Stokowski. Ele tinha uma turma de pessoas a serem ouvidas, porque era a época de escolher os artistas para o ano, mas quando ele me viu, fechou a porta e me pediu para cantar as *Bachianas*. Eu cantei e ele gostou muito. Ele me disse que ia se informar sobre mim e me telefonar. No dia seguinte, ele ligou lá para a “International House”, onde eu estava hospedada com a Pitucha, minha irmã, e no telefone ele disse: “alô, quem fala?” A Pitucha disse: “Lucia, estão ligando para você”. Eu perguntei quem era e ela disse que era o maestro Leopold Stokowski. Ele me chamou para cantar na temporada. Eu abri a temporada cantando as *Bachianas Brasileiras*, cantei a *Canção do Carreiro*, cantei alguma coisa de Bach que eu não me lembro mais o que era. Eu cantei *Shehérazade* com a Tulsa Filarmônica que eu gostaria que vocês ouvissem um pedacinho, se for possível. Eu acho muito bonito.

Sérgio Abreu! Sérgio Abreu, meu grande amigo, violonista famoso, e é o responsável por todas as coisas que eu tenho em CD gravadas, foi ele quem gravou. É ele quem é o responsável pela minha memória musical, porque eu não tenho nenhuma.

Maestro Henrique Morelembaum

Vamos lá. É só arrumar a orquestra.

Marina Lorenzo Fernández

Enquanto eles procuram, eu vou dizer o que eu me lembro de você, Maria Lucia, porque você eletrizava as plateias e conquistava as pessoas de um modo assim incrível. Eu me lembro de quando você foi a Montes Claros da primeira vez e eu pedi que você cantasse *Amo-te muito* e eu escrevi rapidamente a melodia porque ia cantar à capela. Quando você terminou de cantar Mário Ribeiro só faltou pular no palco, todos eles queriam te carregar. Você estava linda com um vestido tomara-que-caia, num colégio de freiras, que dava assim um aspecto ousado, mas você estava muito bonita e depois desse dia nós saíamos cantando pelas ruas. Você se lembra de Montes Claros? Depois, você cantou no Teatro Municipal, aí a platéia vai me perdoar, eu não vou falar o palavrão, ela cantou no Municipal e cantou também o *Amo-te muito*, aí um italiano que estava sentado na plateia disse: “vai cantar assim, sua filha da...”

Maria Lucia Godoy

O David Machado, quando eu cantei com ele a *Floresta do Amazonas*, ele era completamente louco. Eu comecei a cantar e ele disse: “vai cantar bem assim no inferno”. Ele quebrou a batuta e jogou para o ar. Eu fiquei apavorada e disse: “meu Deus, o que eu fiz?” Coisas incríveis aconteceram.

Marina Lorenzo Fernández

Você tem outras também na ópera, quando você tirou a roupa na ópera...

Maria Lucia Godoy

Eu estava cantando *O Barbeiro de Sevilha*. Eu cantei o *Barbeiro de Sevilha*, *Orfeu*, cantei algumas operinhas, menos óperas porque todo mundo achava que eu só cantava câmara, então tinha aquela cena do barbeiro e tal em que trouxe um bilhete para o Rosina e ela tinha colocado aqui no seio. Então, dizia assim: “um bilhete? Fígaro, Fígaro...” tirou e caiu um mamá de borracha desse tamanho que era uma coisa impressionante, porque veio uma roupa muito larga. Eu peguei, dei uma volta por detrás, tirei o outro e botei no bolso da Marta que era a criada, aí eu fiquei murchinha.

Vai falando Marina. Você lembra das coisas, eu não sei de nada.

Canto (Ravel)

Eu estou vendo aqui o meu colega Gambardella. Eu estudei com o maestro Gambardella, meu querido amigo, junto com outro cantor maravilhoso que é o Gilberto Bulcão Viana e Márcio Gomes que está agora lançando um CD de tango e de canções portuguesas e brasileiras. Está fazendo também canções sobre Francisco Alves. Está uma beleza, vale a pena ouvir. O meu querido amigo Edino Krieger, mais a Neném, essa companheira incomparável do Edino. Ele que me ensinou, me fez cantar música moderna. Eu falava: eu não entendo esse negócio, como é?

Maestro Edino Krieger

Nós estávamos lembrando que faz quarenta anos do I Festival de Música da Guanabara.

Neném Krieger

Eu estava lembrando que está fazendo quarenta anos do Festival de Música da Guanabara, em 1969, e eu estava lembrando para ele que no Municipal lotado, como hoje não se faz mais, para ouvir só música contemporânea e de vanguarda. A emoção que a gente teve quando você entrou

de calça para cantar *Procissão das Carpideiras*. Eu não sei se a regência era tua, Henrique. Não era, era do Mário Tavares. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso que, para nós foi muito emocionante. Era tudo muito novo.

Maria Lucia Godoy

Para mim era novíssimo. Era um absurdo. Só uma pessoa inconsequente como eu sou podia cantar essa música moderna e eu cantei. Isso foi uma coisa linda, essa *Procissão das Carpideiras*, do Lindemberg Cardoso. Cantei do Edino Krieger o *Cântico Naturale*, cantei o *Romance de Santa Cecília* sob regência do maestro Morelenbaum, que ainda não foi gravada. Cantei *Poesia em tempo de fome*, que era uma loucura. Eu cantei e o pessoal gostou – eu não entendo.

Maestro Edino Krieger

Maria Lúcia, não é difícil gostar de qualquer coisa que você cante. Eu me lembro quando você terminou a estreia do *Romance de Santa Cecília*, você foi a solista, Morelenbaum foi o regente, um rapaz, o nome eu não me lembro agora, ele morreu cedo, chegou pra mim chorando e disse assim: “você me fez chorar”. Eu bati no ombro dele e disse assim: “não fui eu não, foi a Maria Lucia”.

Maria Lucia Godoy

Foi lindo aquele *Romance de Santa Cecília*. A Academia não pode gravar isso não? A gente dá um jeito de gravar isso. É muito lindo, mas já está gravado, eu acho que já tem o master. Eu queria gravar também *Shehêrazade*, mas não pode, tem orquestra no meio e não dá.

Eu sou muito incompetente para falar, vocês me perdoem. Eu não sei organizar as coisas por ordem, eu não sei falar nada, eu só sei cantar de vez em quando, agora nem tanto.

Eu fiz agora um CD que é muito simples, que é mais uma ode à música brasileira. Gravei quinze canções de Heckel Tavares porque faz parte da minha juventude. A minha mãe cantava *A Estrela pequenina* para minha irmã dormir e a Pitucha depois cantou e o pessoal todo cantava, então eu quis fazer. Eu escrevi coisas demais, muita bobagem nesse CD, mas a música muito bonita, muito gostosa. Tem *Você*, que vocês conhecem, *As Penas do Tiê*, que o Fagner até gravou, mas não podia ser gravado porque era do Heckel, enfim, fiz muita coisa, gravei muita seresta, fiz *Os Cantares de Minas*, *O Canto da Amazônia*, enfim, gravei muita coisa. As oportunidades iam aparecendo e eu ia fazendo, sobretudo, do que eu me orgulho muito é de ter participado, realmente, desse festival de música moderna, de música contemporânea que para mim foi uma coisa de louco. Eu fiz direitinho, Edino? Foi bom?

Maestro Edino Krieger

Não foi bom, foi excelente. Foi um grande sucesso em muitas partes do mundo.

Maria Lucia Godoy

Hoje eu queria mostrar um pouquinho da última parte da *Floresta do Amazonas* que eu gravei com o maestro Morelenbaum. Foi uma parada gravar essa coisa, não foi brincadeira. A gente teve que trabalhar muito para poder dar conta porque o dinheiro não dava para pagar a orquestra. Chama-se *Epílogo*. Eu já cantei muito melhor do que está na gravação. Foi na ECO 92. Eu cantei mais ou menos umas dez vezes essa *Floresta do Amazonas*. Cantei no Theatro Municipal e foi um sucesso, com o Balé da Dalal Achcar.

É muita coisa que eu vou lembrando assim com o tempo, agora estou um pouquinho mais calma, mas eu estava tremendo por dentro. Eu não tenho capacidade de fazer palestra, meu negócio é cantar.

(Canto)

Eu termino por aqui.

Pessoa não identificada

Eu só queria saber se você ainda escreve.

Maria Lucia Godoy

Eu escrevo e vou publicar dois livros. Fiquei onze anos escrevendo no “O Estado de Minas”, só bobagens. Algumas coisas eu acertava, mas a maioria era muita tolice. Eu falava muito sobre a natureza. Tem alguma coisa que eu escrevi sobre a família. Deixa-me ver se é bom.

*Era em redor da mesa, onde todos se reuniam  
a comida cheirosa  
o empadão de galinha  
a salada verdinha  
era domingo  
ao redor da mesa todos falavam e comiam  
com um prazer inocente, saudável tão natural  
que nem se davam conta do extraordinário momento de confraternização familiar  
laçarotes de rosas coroavam nossas cabeças os anjos desciam  
mas a gente não via  
era domingo e tínhamos voltado da missa na Igreja de Lourdes  
onde eu sempre cantava acompanhada ao órgão por mãe Dodô  
que era como sua sobrinha e eu a chamávamos  
havia sempre um grupo de rapazes que iam me ouvir  
Oh! Salutares  
e eu gostava muito e me sentia importante  
de lá, um pequeno grupo seguia a pé para os bailes matinais  
no Minas Tênis Clube  
onde era rezada a chamada missa dançante  
lá eu conheci e dancei muito com o poeta Paulo Mendes Campos  
que mais tarde veio a escrever uma maravilhosa apresentação do disco  
Maria Lucia canta poemas de Manoel Bandeira  
era domingo  
meu pai contava que os terrenos que comprara  
estavam, finalmente, preparados para a instalação do Jockey Club de Minas Gerais  
nos olhos de minha mãe uma certa aflição  
mas Romeu, você entende lá de cavalos de corrida?  
Ora Nem (era como ele a chamava) é um alto empreendimento  
Belo Horizonte vai ter a importância que merece  
vai ser comparada a São Paulo, ao Rio  
teremos nosso Jockey Club  
ponto de turismo, de reuniões sociais de alta esfera (ele gostava dessa expressão)*

*será em Serra Verde  
uma beleza de lugar  
mamãe não convencida  
sacudiu os ombros  
deixando os sonhos à solta  
pouco depois voltava com a compota de doce de figo  
presente, acho, que de tia Alda  
mimo que se repetia sempre,  
pois todo mundo cismava que papai adorava doce de figo, de paixão  
nem era tanto assim.*

Muito obrigada.